

## Poema da Pedra Lioz

Â Â Â

Â

"Á•Ivaro Gois,  
Rui Mamede,  
filhos de AntÁ³nio BrandÃ£o,  
naturais de Cantanhede,  
pedreiros de profissÃ£o,  
de sombrias cataduras  
como bisontes lendÃ¡rios,  
modelam ternas figuras  
na lentidÃ£o dos calcÃ¡rios.

Ali, no esconso recanto,  
sÃ³ o tÃ³mulo, e mais nada,  
suspenso no roxo pranto  
de uma fresta geminada.  
Mas no silÃªncio da nave,  
como um cinzel que batuca,  
soa sempre um truca?truca?  
lento, pausado, suave,  
truca, truca, truca, truca,  
sob a abÃ³bada romÃ¢ntica,  
como um cinzel que batuca  
numa insistÃªncia satÃ¢nica:  
truca, truca, truca, truca,  
truca, truca, truca, truca.

Á•Ivaro Gois,  
Rui Mamede,  
filhos de AntÁ³nio BrandÃ£o,  
naturais de Cantanhede,  
ambos vivos ali estÃ£o,  
truca, truca, truca, truca,  
vestidos de sunobeco  
e acorados no chÃ£o,  
truca, truca, truca, truca.

Â No friso, largo de um palmo,  
que dÃ¡ volta a toda a arca,  
um cristo, de gesto calmo,  
assiste ao chegar da barca.  
Homens de vÃ¡ria feiÃ§Ã£o,  
barrigudos e contentes,  
mostram, no riso dos dentes  
o gozo da salvaÃ§Ã£o.  
Anjinhos de longas vestes,  
e cabelo aos caracÃ³is,  
tocam pÃ¡-faro celestes,  
entre cometas e sÃ³is.  
Mulheres e homens, sem paz,  
esgaseados de remorsos,  
desistem de fazer esforÃ§os,  
entregam se a SatanÃ¡is.

Fixando a pedra, mirando a,  
quanto mais o olhar se educa,

mais se estende o truca?truca?  
que enche a nave, transbordando a,  
truca, truca, truca, truca  
truca, truca, truca, truca.

Â No desmedido caixÃ£o,  
grande sonhor ali jaz.  
Pupilo de SatanÃ;s?  
Alma pura, de eleiÃ§Ã£o?  
Dom Afonso ou Dom JoÃ£o?  
Para o caso tanto faz."

AntÃ³nio GedeÃ£o, in Teatro do Mundo